

MEMÓRIA E MORTE EM ROUSSEAU

Adalberto Luis VICENTE*

CARMINATTI, Nátalia Pedroni. **Memória e morte: uma intersecção entre ser e escrever em *Les Rêveries du promeneur solitaire* de Jean-Jacques Rousseau.** 2014. 155f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

A dissertação de mestrado de Natália P. Carminatti tem como objeto de estudo a última obra de Jean-Jacques Rousseau, *Les Rêveries du promeneur solitaire*, que ficou inacabada e só veio a público depois da morte do autor. Originária das anotações feitas pelo filósofo nas caminhadas que, já sexagenário, fazia nos arredores de Paris, o livro é de suma importância para a compreensão do seu legado à literatura moderna. Do ponto de vista propriamente textual, trata-se talvez da obra mais complexa de Rousseau, pois a pluralidade de formas discursivas de que se serve o autor permite-lhe empregar tons diversos que vão do confessional ao reflexivo, do argumentativo ao poético, além de dar ao texto uma configuração moderna em que se esfacelam os limites estreitos entre gêneros textuais. As reflexões que Natália Carminatti apresenta em sua dissertação de mestrado estão centradas em dois eixos temáticos caros a Rousseau, a memória e a morte. Escritas em um momento em que o autor parece renunciar ao mundo e à sociedade dos homens, esforçando-se por conformar-se à solidão que, segundo quer nos fazer crer, tem origem no desprezo de seus contemporâneos, Rousseau sente próxima a morte e busca rememorar momentos de felicidade que experimentou em certos momentos de sua vida. O trabalho de Natália Carminatti constitui um esforço para compreender de que modo memória e morte se articulam em Rousseau e como esses temas podem revelar o caráter inovador do autor de *Les Rêveries*.

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – dal@fclar.unesp.br

No primeiro capítulo, a autora apresenta um panorama histórico-biográfico de Rousseau, situando o livro no contexto da sua produção intelectual e literária. Rousseau nos é apresentado na primeira parte deste capítulo como “defensor da sensibilidade” (CARMINATTI, 2014, p.21) como um autor que “[...] concedia às suas teorias valores relativos à irracionalidade do homem e [...] preocupava-se com o influxo das sensações nas ações humanas” (CARMINATTI, 2014, p.21). São essas características que definem a originalidade da prosa de Rousseau que se apresenta como poética, aspecto que Natália analisa na segunda parte deste primeiro capítulo. Uma descrição resumida do conteúdo de cada uma das dez “*Promenades*” que compõem o livro é também apresentada nesta segunda parte do primeiro capítulo, o que permite ao leitor rememorar o universo temático e estilístico de *Les Rêveries* e compreender a importância do recorte analítico do trabalho, cujo centro, como já se disse, está na análise da memória e da morte.

Para abordar a primeira dessas questões, a memória, a autora busca apoio nas reflexões de Platão, Santo Agostinho e, sobretudo, na psicanálise. Natália Carminatti demonstra que “[...] a transcrição da memória é fragmentária e a prosa de Rousseau ilustra os desvios de memória de Jean-Jacques.” (CARMINATTI, 2014, p.86). No autor genebrino, esse esforço de repetir o passado “[...] aproxima-se da concepção freudiana de que o passado não está morto, mas se renova e se repete.” (CARMINATTI, 2014, p.88). Rememorar e devanear, lembra a autora, são duas atitudes centrais na última obra de Rousseau e esses atos correspondem a uma tentativa de “repetir a existência, duplicando-a por meio da escritura” (CARMINATTI, 2014, p.104), o que faz de Rousseau um dos autores que, no século XVIII, propõe uma questão que preocupará tantos autores modernos: seria a arte um meio de superação da finitude e da morte? Evidencia-se assim um aspecto importante do trabalho de Natália, não dissociar os temas da memória da morte do processo de criação de Rousseau.

O significado da morte para Rousseau é o tema do último capítulo do trabalho. Antes, porém, de discutir essa questão, a autora procura compreender a relação entre existência e morte e, para isso, serve-se das reflexões de Heidegger sobre o *ser-para-a-morte*. Neste momento, encontramos na parte mais inventiva do trabalho: compreender o tema da morte em Rousseau sob a luz da filosofia existencial de Heidegger, apontando pontos de convergência e divergência entre os dois filósofos. Uma passagem do texto ilustra o resultado desse esforço de aproximar os dois pensadores. Em

Rousseau, afirma a autora, aceitar a morte “[...] não é uma simples prática de resignação, é muito mais que isto: é a origem positiva de percepção da vida, é a capacidade apresentada pelo *Dasein* de conceber a sua totalidade, a sua plenitude. O ‘ser-aí’ por meio da antecipação do porvir, isto é, do futuro, conquista sua completude. Incompleto em sua natureza, só com a morte o ser-no-mundo atingirá sua integralidade [...]” (CARMINATTI, 2014, p.125). As convergências e contrates entre Rousseau e Heidegger que vão aflorando no texto constituem um veio investigativo ainda em processo, que outros estudiosos poderão percorrer, mas que se anuncia como uma proposta desafiadora para a compreensão do modo como Rousseau sentiu e experimentou a proximidade da morte. A pesquisa de mestrado de Natália Carminatti tem o mérito de revelar a complexidade e riqueza da obra derradeira de Rousseau em seu aspecto literário, psicológico e filosófico. Como lembra a autora na última linha de seu trabalho, *Les Rêveries du promeneur solitaire* faz da literatura “o lugar da experiência original”. O texto de Natália Carminatti tem o mérito de revelar ao leitor esse lugar.



